

VANESSA SPRINGORA

O CONSENTIMENTO

Tradução

Maria Alice Araripe de Sampaio Doria

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Cleide Salme

Diagramação

Beatriz Carvalho

Título original
Le consentement

ISBN 978-65-5924-003-6

Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2020

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Springora, Vanessa, 1972-
S755c
O consentimento [recurso eletrônico] / Vanessa Springora ;
tradução Maria Alice Araripe de Sampaio Doria. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Verus, 2021.

recurso digital

Tradução de: Le consentement

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-003-6 (recurso eletrônico)

1. Springora, Vanessa, 1972-. 2. Escritoras - França - Biografia.
3. Livros eletrônicos. I. Doria, Maria Alice Araripe de Sampaio. II.

Título.

21-69205

CDD: 928.41

CDU: 929:821.133.1

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

*A Benjamin
e
para Raoul*

SUMÁRIO

Prólogo

I. A criança

II. A presa

III. A dominação

IV. O menosprezo

V. Marca profunda

VI. Escrever

Post Scriptum

Agradecimentos

PRÓLOGO

Os contos de fadas são uma fonte de sabedoria. Se assim não fosse, por que atravessariam as épocas? Cinderela se esforça para sair do baile antes da meia-noite; Chapeuzinho Vermelho desconfia do lobo e de sua voz sedutora; a Bela Adormecida evita aproximar o dedo do fuso de atração irresistível; Branca de Neve se mantém afastada dos caçadores e sob nenhum pretexto morde a maçã, tão vermelha, tão apetitosa, que o destino lhe oferece...

Tantos avisos que todos os jovens fariam bem em seguir ao pé da letra.

Um dos meus primeiros livros foi uma coletânea dos contos dos irmãos Grimm. Eu o manuseei até ficar gasto, a ponto de as costuras desfiarem sob a grossa capa dura, até que as páginas acabaram se desprendendo uma a uma. A perda me deixou inconsolável. Embora essas histórias maravilhosas me falassem de lendas eternas, os livros não passavam de objetos mortais, destinados ao lixo.

Antes mesmo de saber ler e escrever, eu os fabricava com tudo o que me caísse nas mãos: jornais, revistas, papelão, fita adesiva e barbante. Da forma mais resistente possível. Inicialmente, era o objeto. O interesse pelo conteúdo viria mais tarde.

Atualmente eu os observo com desconfiança. Uma parede de vidro se ergueu entre mim e eles. Sei que podem ser um veneno. Sei o fardo tóxico que podem conter.

Durante anos ando em círculos em minha jaula, meus sonhos povoados de assassinato e vingança. Até o dia em que a solução

finalmente se apresenta aos meus olhos como uma evidência: capturar o caçador em sua própria armadilha, confiná-lo num livro.

I

A criança

Nossa sabedoria começa onde a do autor acaba,
e gostaríamos que ele nos desse respostas,
quando tudo o que ele pode fazer é nos dar desejos.

— MARCEL PROUST, *Sobre a leitura*

Na aurora da minha vida, virgem de qualquer experiência, do alto dos meus cinco anos, espero o amor.

Os pais são uma proteção para as filhas. O meu não passa de um esboço. Mais que uma presença física, eu me lembro de um cheiro de vetiver que embalsama o banheiro de manhã cedo, objetos masculinos colocados aqui e ali, uma gravata, um relógio de pulso, uma camisa, um isqueiro Dupont, um modo de segurar o cigarro entre o indicador e o dedo médio um tanto longe do filtro, uma maneira sempre irônica de falar, tanto que nunca sei se ele está brincando ou não. Ele sai cedo e volta tarde. É um homem ocupado. Muito elegante também. Suas atividades profissionais mudam rápido demais para eu conseguir compreender a natureza delas. Na escola, quando me perguntam sobre sua profissão, sou incapaz de nomeá-la, mas isso é evidente, já que o mundo o atrai mais que a vida doméstica, ele é alguém importante. Pelo menos é o que eu imagino. Seus ternos são sempre impecáveis.

Minha mãe me concebeu na idade precoce de vinte anos. Ela é linda, os cabelos de um loiro escandinavo, o rosto delicado, os olhos de um azul pálido, uma silhueta esbelta com curvas femininas, um belo timbre de voz. Minha adoração por ela não tem limites, ela é meu sol e minha

alegria.

Minha avó repete sempre que meus pais formam um belo casal, se referindo ao físico cinematográfico deles. Devíamos ser felizes, no entanto minhas lembranças da nossa vida a três naquele apartamento onde por pouco tempo conheci a ilusão de uma unidade familiar têm tudo de um pesadelo.

À noite, enfiada embaixo dos cobertores, ouço meu pai gritar, chamar minha mãe de “vagabunda” ou “puta”, e não entendo o motivo. Ao menor sinal, por um detalhe, um olhar, uma simples palavra “inapropriada”, o ciúme dele explode. De um momento para o outro, as paredes começam a tremer, a louça voa, as portas batem. Maníaco-obsessivo, ele não tolera que se mude um objeto de lugar sem o seu consentimento. Um dia, por pouco não estrangula minha mãe porque ela derrubou um copo de vinho numa toalha branca que ele acabara de lhe dar. Logo esses episódios começam a se repetir cada vez com mais frequência. É como um carro lançado numa corrida desenfreada, e ninguém pode pará-lo. Meus pais passam horas jogando os piores insultos um na cara do outro. E isso vai até tarde da noite, quando minha mãe vem se refugiar no meu quarto para soluçar em silêncio, agarrada em mim, na estreita cama de criança, antes de ir sozinha para a cama de casal. No dia seguinte meu pai está dormindo no sofá da sala de novo.

Contra os acessos de raiva irreprimíveis e os caprichos de criança mimada, minha mãe gastou todos os seus cartuchos. Não existe remédio para a loucura desse homem com distúrbio de caráter. O casamento deles é uma guerra sem fim, uma carnificina cuja origem ninguém mais lembra. O conflito em breve será resolvido de maneira unilateral. É uma questão de semanas.

No entanto, os dois devem ter se amado um dia. No fim de um corredor interminável, oculta pela porta do quarto, a sexualidade deles tem em mim o efeito de um ponto cego onde estaria escondido um monstro: onipresente (as crises de ciúme do meu pai são um testemunho cotidiano disso), mas totalmente esotérico (não tenho nenhuma